

OS CONTOS ARGELINOS DE LIMA BARRETO

Sílvio Roberto dos Santos Oliveira¹

RESUMO: Na multifacetação de seus interesses, sob o título genérico de *Contos argelinos*, Lima Barreto publicou sete contos, em 1915, relacionados ao governo de Hermes da Fonseca. A esses foram anexados outros seis, segundo o que se informa em nota de *Histórias e Sonhos* (sexto volume de suas obras organizadas por Francisco de Assis Barbosa e editadas pela primeira vez em 1956). Esses contos apagam supostas fronteiras entre conto e crônica; na época, foram acompanhados de severas críticas ao futebol (a maioria dos textos publicados em *O Careta*). Porém, como era comum ao escritor, as reflexões não se detinham nunca em um único objeto. A fina ironia alegórica de Lima Barreto recria o Brasil como o País de Al-Patak, o qual era governado pelo usurpador Abu-Al-Dhudut, referência a Hermes da Fonseca. Aventuras e desventuras de tipos secundários são narradas ao mesmo tempo que se desvelam as maquinações dos sistemas de poder no Brasil através de alegorias. Esta força de sua escritura atravessa tempos e espaços e reconfigura a noção de universalidade: não mais como essência imanente e sim como valor crítico móbil e redimensionável.

Palavras-chave: Argelinos; Bahia; Barreto

Nascido em 13 de maio de 1881, Lima Barreto deve ser incluído no rol dos escritores que, além de traduzidos e recriados por seus romances, crônicas, contos e anotações esparsas, findam por reinventarem-se constantemente nas releituras de suas próprias obras e vivências, das obras de outros autores, da sociedade e da cultura brasileira. Tentarei indicar uma de suas estratégias de releitura da identidade brasileira, calcada no riso alegórico, proposta em variados contos.

Muitas vezes o narrador de Lima Barreto é também personagem. Ao narrador limabarretiano, por exemplo, ao Augusto Machado, de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, toda verdade deve ser observada, *mesmo que seja mentirosa*. Só para ilustrar o que digo, gostaria de propor um paralelo entre o sábio narrador do *Memorial de Aires*, o conselheiro Aires, de Machado de Assis e o narrador de *Gonzaga de Sá*. Como alguns dizem que o conselheiro Aires era um disfarce de Machado, considero o narrador Augusto (na pele, primordialmente, claro, de Gonzaga de Sá) como um disfarce do olhar lima barretiano. Assim, sugiro o seguinte paralelo:

AIRES	AUGUSTO
- Configura incerteza: Aires/seria?	- Nada exclui, por isso tudo é incerto
- Ilustrado	- Leitor ávido
- Diplomata	- Funcionário público
- Mistura-se à multidão, mas é solitário	- É solitário, mas se inclui na multidão
- Conhece a cultura européia do belo	- Comunga as diferenças culturais
- Circula em espaços elitistas	- Circula em todos os espaços
- Preza o ritmo da sonata	- Obedece ao ritmo da urbis
- Eterniza os momentos	- Reconstrói as ruínas de sua memória

Mais do que analisar o conselheiro Aires, esse paralelo ajuda a sublinhar o fato de que ao espaço do narrador de Lima Barreto confluem todos os sentidos e objetos, mesmo os aparentemente confusos:

¹ Doutor em Teoria e História Literária, Professor Adjunto do Departamento de Educação do Campus II da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). E-mail: olyveyras@yahoo.com.br.

Ao dizer isto Gonzaga de Sá foi-se levantando aos poucos, pondo-se afinal de pé e fazendo menção de ler, com o jornal a altura dos olhos. Olhei um instante à janela. As nuvens esgarçavam-se nas cumiadas das montanhas e cobriam-se diversamente à luz macia do poente. Aqui era laranja; ali, púrpura, ouro, anil, cinzento; ora, franjavam-se; ora, em novelos; ora, em fitas, em barros, tomando as mais caprichosas e instáveis formas, com as mais belas cores dos belos céus. (GS, p. 91)

Um semelhante transtorno do olhar ocorre com *O escrivão Isaías Caminha*:

Subia a rua. Evitando os grupos parados no centro e nas calçadas, eu ia caminhando como quem navegava entre escolhos, recolhendo frases soltas, ditos, pilhérias e grossos palavrões também. Cruzava com mulheres bonitas e feias, grandes e pequenas, de plumas e laçarotes, farfalhantes de sedas; eram como grandes e pequenas embarcações movidas por um vento brando que lhes enfunasse igualmente o velame. Se uma roçava por mim, eu ficava entontecido, agradavelmente entontecido dentro da atmosfera de perfumes que exalava. Era um gozo olhá-las, a elas e à rua com sombra protetora, marginada de altas vitrinas atapetadas de jóias e de tecidos macios. (Isaías Caminha, p. 83)

Aparente confusão vista também em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Nesse romance há crítica às idéias românticas e, ao mesmo tempo, à vontade inocente de recuperar a memória cultural. O personagem Quaresma não se pautava no *equilíbrio*, pois

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo; Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro. (Triste Fim de *Policarpo Quaresma*, p. 22)

O investimento em Ricardo Coração dos Outros, em modinhas e conseqüentemente em trovas populares, provava o interesse em nascentes diversas, inclusive negras. A louca duplicidade de Quaresma, quase sempre isso não é lembrado, esteve presente em personalidades inclusas na consciência do narrador limabarretiano. Por exemplo, Domingos Caldas Barbosa e Tobias Barreto.² Volto-me a Isaías:

E o monstruoso redator desandou dizendo asneiras. Eu estava ali de colarinho sujo, esfomeado, mas tive ímpeto de discutir e de quebrar a cara dos idiotas que o ouviam. Entre eles, havia alguns a quem cabia bem a carapuça, mas que se calaram cobardemente. Queria perguntar-lhe se aqueles seus artigos acacianos, cheirando ainda muito à brochura francesa de dois mil e quinhentos se podiam por a par dos trabalhos do Tito Lívio, do Tobias Barreto; eu queria perguntar-lhe se a sua genialidade no artiguete seria capaz de aparecer se tivesse nascido

² De grande interesse o trabalho de David Brookshaw sobre o assunto Ver: BROOKSHAW, David. *Raça e cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

nas condições desfavoráveis do Caldas Barbosa, do José Maurício, do Silva Alvarenga e outros! (*Isaías Caminha*, p.161)

Nesses casos, o olhar de quem narra recorta idéias e situações -pretéritas, presentes e futuras- montado em certa filosofia a qual vou chamar de *comunhão das diferenças*. Em outras palavras, a memória movida pelo desejo de saber, plenamente contraditório, conjuga, reverencia e não descarta até as idéias mais antipáticas (aparentemente, ao menos) ao próprio autor. Somarei o nosso autor ao universo desses seus narradores e personagens. Ele, então, Lima Barreto, afirmará o seguinte sobre uma das nascentes científicas, portanto, perigosíssimas a um homem negro:

Até hoje não li Haeckel e tenho pena de não conhecer o inventor de animais curiosos. Um dos traços do meu espírito é a curiosidade pelas criações humanas. **Não se me dá que sejam verdadeiras**; o principal, para o meu espírito, é o esforço de inteligência que elas representam e que eu amo. Leio-as, compreendo-as até o ponto que quero, depois fecho livros - certo de que o mundo continua ainda. (*Diário Íntimo*, 112-13)

Noto que os narradores de Lima Barreto, desvairadamente integrados, não solicitam apenas coerências; mesmo quando indicam um sentimento de rejeição sofrido por algum personagem, a coerência instala-se. Que tal a bela e trágica cena em que Isaías contempla o mar; ou melhor, o mar o “contemplava com piedade” e dizia:

Vem, dizia-me ele, vem comigo e, no meu seio, viverás esquecido, livre e independente... Aqui, eu te abrirei perspectivas infinitas à tua vida limitada e os conceitos, as noções e as idéias nada valerão. Zombarás deles, não os sentirás, não terás consciência, nem pensamento, nem vontade... (*IC*, 130)

O narrador de Lima Barreto se instala no espaço erótico das relações sensoriais. Em Lima Barreto, entrevejo uma narrativa erótica, que adota tanto a visão de um mundo perverso quanto a esperança de reversão, que revela tanto a compreensão dos mecanismos dominadores quanto a rebeldia, que demonstra tanto a intolerância com a injustiça quanto se permite ouvir a palavra, muitas vezes injusta, do outro. O erótico em Lima Barreto traduz a sensualidade muito além da união de dois corpos: o seu Eros afrodescendente traduz a plena integração de corpos e sentidos, animados e inanimados, pessoas e paisagens, concretudes e abstrações. A mim, o lugar do narrador barretiano é *um lugar erótico*. Um lugar em que os opostos se unem. Naturalmente não estou defendendo que apenas os opostos se unam, estou apenas manipulando o sentido mitológico do erotismo.

Comprometido com a busca de conhecimento, Lima Barreto apresentou peculiar conceito de **militância**, significando a ele avidez incessante de desvelar o saber sincero do outro, mesmo que este saber reproduzisse *verdades* incômodas e questionáveis. Como um escritor atento aos mais díspares matizes sócio-culturais, foi, então, leitor ávido de textos canonizados e postos à margem, leitor dos olhares e gestos das pessoas que o rodeavam, da natureza de sua cidade, do sofrimento de seus semelhantes. Como resultado, produziu textos que traduziram a sua época e o mundo alegoricamente. Dentre esses textos, destaquei um conjunto que avivou o meu interesse: os *Contos argelinos*.

Os contos argelinos - Na multifacetação de seus interesses, sob o título genérico de *Contos argelinos*, Lima Barreto publicou sete contos, em 1915, relacionados ao governo de Hermes da Fonseca. A esses foram anexados outros seis, segundo o que se informa em nota de

Histórias e Sonhos (sexto volume de suas obras organizadas por Francisco de Assis Barbosa e editadas pela primeira vez em 1956). Esses contos apagam supostas fronteiras entre conto e crônica; na época, foram acompanhados de severas críticas ao futebol (a maioria dos textos publicados em **O Careta**)³. Porém, como era comum ao escritor, as reflexões não se detinham nunca em um único objeto. A fina ironia alegórica de Lima Barreto recria o Brasil como o País de Al-Patak, o qual era governado pelo usurpador Abu-Al-Dhudut, referência a Hermes da Fonseca. Aventuras e desventuras de tipos secundários são narradas ao mesmo tempo em que se desvelam as maquinações dos sistemas de poder no Brasil através de alegorias. Assim, no país de Al-Patak, havia canatos, domínios dos sultões, dos xeiques e outros chefes, correspondentes aos nossos estados: por exemplo, o “canato de Al-Súgar”, é provável referência a Pernambuco; o “canato de Al-Bandeirah”, referência a São Paulo; o “canato de Hbaya”, à Bahia.

Os sete contos são os seguintes: *Sua Alteza Imperial Jan-Goethe/ El-Kazenadji/ O Juramento/ A Firmeza de Al-Bandeirah / O Desconto/ A Solidariedade de Al-Bandeirah/ O Reconhecimento*.

O primeiro conto descreve a personalidade de Abu-Al-Dhudut, príncipe de Al-Patak: apesar de usurpador, impopular, arrogante, vaidoso, geralmente conseguia enganar o povo; certa vez, após oferecer casas populares aos habitantes do reino (em compensação cobrando pelo dobro do preço normal as passagens e alimentos), recebeu o título de “o pai dos operários”. Além das qualidades citadas, ainda era aliciador, corrupto e nepotista. Um dia o povo se revoltou e Abu foi deposto. Comprovando a honestidade da família real, o irmão de Abu, “Sua Alteza Imperial Jan-Ghothe”, escapa do levante carregando todo o tesouro do palácio.

A partir do segundo conto, são narrados episódios pitorescos do reinado de Abu. Segundo o narrador, os episódios baseiam-se nas crônicas de Cide Mohâmed Ben-Alá. O episódio visado no segundo conto revela os hábitos sacrílegos do “ministro dos negócios internos do reino”, Cide Êrcu Bem-Lânod, e do “*kaïa*, chefe da polícia militar”, Pesh Bem-Hoa. Essas figuras são propositalmente relacionadas a figuras da política de sua época.

Como se vê, em todos, características não muito agradáveis de tipos sociais são exageradas, especialmente dos tipos pertencentes às camadas mais poderosas. Não só isso: o mundo em que esses tipos habitam são **deformações** do próprio mundo brasileiro e, por isso mesmo, muito **informativas** sobre os desvios e abusos da realidade política e social.

Além dos contos citados, foram anexados ao volume de *contos argelinos* outros seis. Os últimos contos presentes em *Histórias e sonhos* revelam ainda mais o caráter de crônica dessa série de textos barretianos. São os seguintes: *O Anel de Perdicas, Os Kalogheras, Conservou o Fez, Arte de Governar, Boa Medida, Hóspede Ilustre*. De um modo geral, aprofundam a ironia do primeiro conjunto de contos desvelando certas associações com personagens e acontecimentos da política brasileira. Neles, ainda se percebe a exploração do imaginário exótico e figurativo; creio, os tipos desenvolvidos podem mesmo ser considerados *caricaturas*.

O primeiro desse outro conjunto baseia-se na história do rei El-Sulida (ao seu reino não é dado um nome); sem filhos, à beira da morte, é obrigado a entregar o reino ao *apenas* provável futuro genro. No segundo, as fronteiras entre realidade e ficção são ainda mais esmaecidas: passa a não existir a preocupação de ilustrar a história. O texto analisa a família do ministro da guerra, o Polemarca Kalogheras (afirmando a possível linhagem lendária de sua parentada) e cita locais factuais, como a própria Bahia. O terceiro conto por sua vez descreve os modos de Ben-Zuff Kalogheras comandar o exército. Já no quarto conto a figura em destaque é a de Basileus Epitaphio, o príncipe Epi. Cito:

³ Muitas das celebradas crônicas de Lima Barreto a respeito do futebol são publicadas nessa mesma época.

Quando o príncipe Epi subiu ao trono de rajá de Bengabul, toda a gente exultou, porque um cidadão da América, chamado Vilsão, tinha em grande conta os seus méritos de cantor de modinhas. Ele ia fazer grandes cousas, inclusive a felicidade do povo.

Epi gostava muito de festança e, segundo o texto, os seus auxiliares gritavam e propagavam:

Isto é que é governo! Epi sabe governar!

Isto tudo Epi “fazia para o rei ver”.

Os sete contos se entrecruzam e faz-se necessário lê-los em conjunto. Cada peça motiva novos aspectos interpretativos sobre aquele mundo imaginário. Findei por eleger um dos contos do primeiro conjunto para maior análise: *A solidariedade de Al-Bandeirah*. Creio que o conto eleito apresenta a mesma fina ironia dos outros seis acentuando apenas o seu específico olhar, que recai sobre o povo de Hbaya.

A solidariedade de Al-Bandeirah - Particularmente, interessei-me por determinada mitologia baiana, mitologia recriada com sagacidade pelos que exportam, importam e exploram simulacros. O conto antecipa a certeza atual de que tudo é simulacro. Mas, na gingada baiana, qual simulacro iremos alimentar? Qual simulacro iremos reinventar? Segundo Lima Barreto, Al-Bandeirah, participando do jogo das maquinações, consegue enriquecer os seus governantes; Hbaya, ludibriado no jogo mítico da cultura, perpetua sua submissão. Os dois canatos foram os únicos a demonstrar alguma insatisfação com o domínio de Abu-Al-Dhudut. Hbaya, ao contrário do outro canato, fragilizou-se devido às dissensões internas. Observei, especialmente, o seguinte trecho que, menos afirmando o tom profético dos escritos de Lima Barreto, mais ressalta o profundo vigor de suas análises:

A população com o seu gênio vivaz, com a sua queda para eloquência, com a sua ligeireza de espírito, muito concorria para essas divisões e ela é de gênio muito oposto à de Al-Bandeirah, cuja gente é tardia, taciturna e cheia de um ingênuo orgulho de que são os primeiros de Al-Patak. Explorado habilmente, pelos governantes, esse último sentimento da população daquela província, foi-lhes sempre fácil obter dela uma quase unanimidade. Faziam uma ponte, uma torre, um bueiro e logo mandavam proclamar que era o primeiro de Al-Patak. O povo do canato que é ingênuo, como um alemão, acreditava na cousa, ficava muito contente e escolhia para as altas funções os membros de três ou quatro famílias que o exploravam.

Apreciarei a seguir algumas considerações e citações vinculadas à sua crônica intitulada *O “Negócio” da Bahia*, publicada em *Bagatelas*. De início, observei como determinado parágrafo da crônica poderia suceder ao parágrafo anteriormente citado do conto sem prejudicar a continuidade do mesmo. Eis o parágrafo da crônica sobre a Bahia:

Chegada que é uma facção ao poder, trata imediatamente de esbanjar a fortuna pública, a fim de manter e angariar prosélitos; e os cuidados materiais e intelectuais, os de assistência e saúde pública, ficam de lado, para quando? Para quando se consolidar no poder a retumbante agremiação política que está sempre balançando... (BG, 267)

A crônica dialoga com os contos e apresentam ao leitor a possibilidade de interpretar não tão somente as suas vias mas também a própria posição do autor. Novamente citando:

Não fosse o cômico do macedônio Calógeras com os seus planos ultraprussianos de envolvimento das tropas revoltosas disseminadas pela vasta superfície de um grande Estado, aonde não há estradas que mereçam esse nome; se não fosse isso, esses acontecimentos últimos da política baiana só tinham faces e facetas do mais perfeito negror. (*BG*, 267)

Para justificar o seu interesse, a sua crítica e o seu incômodo, aproveitando sonsamente o sentimento enraizado dos baianos, Barreto sublinha a importância do Estado para o resto do Brasil (e para ele próprio, pois suponho que também tomasse a Bahia como modelo de raiz negra):

Das províncias do Brasil, é talvez a Bahia a que mais o resume. Nas raças, no clima, na produção, nos aspectos do seu território, é a Bahia o epítome do nosso país. (*BG*, 267)

Em trecho posterior e sem delongas a sua voraz mordacidade aponta-nos à construção de uma consciência crítica sobre a política nacional:

Nenhuma terra brasileira, como a Bahia, fala tão fundo à nossa alma, até o ponto dos próprios sertanejos, esquecidos e ignorantes da vasta geografia nacional, só a conhecerem como a maior cidade de sua língua. O resto é Oropa - Bahia e Oropa.

Como é que chegou a tal desordem essa Meca nacional, cujo prestígio não vem da riqueza, nem do luxo, mas da poesia e do sonho da alma nacional?

Nós que lá não vivemos nem lá nascemos só podemos atribuir à política, e só à política como a única causa de um tão lamentável estado de coisas.⁴ (*BG*, 268)

A Bahia vai servir, então, como um pretexto para operar-se virulenta reflexão a respeito de comportamentos comuns aos segmentos de poder no Brasil.

Algo bastante semelhante ao elaborado por Mendes Fradique (Medeiro de Freitas), contemporâneo mas não exatamente amigo de Lima Barreto, na **História do Brasil pelo método confuso**. Porém o riso, em Lima Barreto, foi utilizado como instrumento denunciador, polemizador, arma feroz de um insatisfeito, de um sujeito, em muitas condições de marginalidade, disposto a indicar a residência da problemática nacional em um *mal* aparentemente maior na Bahia:

O mal da Bahia, mais do que em outra qualquer parte do Brasil, está na política - é conveniente repetir. (*BG*, 268)

Por outro lado, só a invenção lhe permitiria discorrer com tanta virulência. Lima Barreto afirma tais coisas através de notável intuição crítica, válida e profunda; porém, como em outros textos, a sua pena é movida por uma paixão reflexiva, muitas vezes desacompanhada de um trabalho analítico exaustivo. Cito a confissão do próprio Lima:

⁴ Na conclusão, propomos uma reflexão sobre a questão da Bahia argutamente assinalada por Lima Barreto.

Não sigo ou sigo mal a vida da Bahia. Quando vou a uma redação de Jornal ou à Associação de Imprensa, **não vejo jornais e revistas de lá**, por isso **o que vou dizendo não é baseado senão em raros telegramas** que leio nas folhas daqui, ou **em conversas apressadas** de cafés e botequins. (*BG*, 268)

Esta falta de informações sobre inúmeros objetos de sua crítica ácida não o impediu de obter uma visão aguda sobre a sociedade. Ele, o qual confessava não conhecer muito os fatos de cá, afirmava enxergar melhor que os baianos as coisas de nosso Estado:

Insisto no quadro porque **é preciso que ele seja posto por todos nós que escrevemos alguma coisa, aos olhos de todos**, sobretudo dos baianos, que parece não o verem em todos os seus detalhes. (*BG*, 269)

De qualquer forma, qualquer análise sobre a Bahia só poderia deter-se na superfície; daí, as alegorias explodindo inúmeros sentidos (na alegoria cabe a suposição, a intuição, a antevisão etc...). A *Boa Terra* era pretexto para escrever sobre o Brasil que, na época, centralizava-se no Rio de Janeiro. Encerrando esta parte, indico os motes alegóricos sobre o país presentes, quase sem véus, em um dos últimos parágrafos da crônica:

Cabe a cada baiano desprezar totalmente a política e fazer isso de tal modo que nunca mais vejamos o arconte Calógeras, o polemarca do Basileus Epitácio, debruçado sobre mapas, alta noite, no Quartel-General, planejando um movimento envolvente e fulminante que esmague de vez os seus patrícios baianos, com que obteria a glória que seu antepassado Alexandre de Macedônia levou para o túmulo e até agora não quer deixar pousar mais na cabeça de qualquer dos seus descendentes. (*BG*, 271)

E ainda:

Os seus grandes homens, Castro Alves, o maior poeta do Brasil, que lá nasceu, o seu porto natural, um dos primeiros do mundo em que se aninham lendas do nosso povoamento pelos portugueses; a honra que teve o seu território de abrigar Cabral; essas e tantas outras cousas que a nós, brasileiros, nos acodem logo quando se fala em Bahia, fazem dela uma terra sagrada venerável, digna de estima e de culto. (*BG*, 267)

Esse sentimento da primazia de alguma forma está relacionado ao que Lima Barreto denominava de sentimento bovarista, de Madame Bovary, de desejar ser aquilo que não é ou que nem vale a pena ser. O Brasil e a Bahia alegórica ainda podem ser analisados pelo viés desse sentimento bovarista assim como o sultão Abu (cuja tradução do nome parece corresponder a “pai de Dudu”) sugere análise de representações contemporâneas análogas. Surpreendentemente, o olhar de Lima Barreto foi capaz de desmascarar esse sentimento no início do século, indicando-o como um dos dilemas para a superação política, social e cultural. Sentimento nada desprezível, pois presente ainda na configuração mitológica da cultura baiana em fins do século XX. Assim, quando o Banco Excel apossou-se do Banco Econômico, alardeou-se que *os primeiros investimentos* (segundo a notícia oficial) realizaram-se na Bahia; Vitória e Bahia foram *os primeiros clubes*, segundo eles mesmos, a tornarem-se empresas no Brasil; também alardeam: o Bahia foi *o primeiro campeão da antiga Copa Brasil*; o Bahia possui *a maior torcida do norte/nordeste* enquanto a do Vitória é *a que mais cresce no país*; da mesma forma, o samba *nasceu foi na Bahia*. O privilégio de ser o primeiro estende-se a outros campos: Salvador

faz o maior carnaval de rua; muitas vezes aspectos apreciáveis alternam com outros não muito agradáveis: a Bahia teria a maior população negra fora da África assim como a maior taxa de analfabetismo do Brasil; o primeiro projeto a obter imenso sucesso com crianças de rua, o Projeto Axé, é baiano assim como o maior número de linchamentos e de grupos periféricos de extermínio estão na Bahia; A “Boa Terra” é um celeiro (nascente) de artistas (pois baiano não nasce, estréia), assim como seriam baianos as maiores inteligências, os maiores políticos, os maiores poetas. Claro, os perversos mecanismos de compensação parecem contrapor-se a ditos chistosos de não-baianos: a maior confusão tem por nome *baianada*, significando também a maior roubada. E assim vão-se fabricando mitos.

O privilégio histórico de ter amparado as naus portuguesas é o que parece sustentar esse sentimento baiano. Talvez por isso a *Ode ao Dois de Julho*, ao celebrar a independência baiana, afirme que, no dia da comemoração, o sol “brilha mais que no primeiro” (o primeiro dois de julho? O primeiro dia do mundo?). A mesma Bahia lançou-se a erigir o Memorial da Descoberta, cimentando de vez o mito ao concreto (aliás, foi a primeira a ostentar o relógio da Rede Globo em “comemoração” à “descoberta” do Brasil). Seria isto também *Bovarismo*?

Interpretando Jules de Gaultier, Lima Barreto anotou o ilusório sentimento bovarista no brasileiro: o vício de dizer-se outro, de ornar a sua história, de vestir o simulacro, que tanto o incomodava. Isto pode ser ilustrado com uma história: Miguel Calmon, que havia sido colega de Lima Barreto na Escola Politécnica, quando retornou à Bahia, foi nomeado para diversos cargos, recebeu inúmeros títulos e conquistou fama intelectual. Certamente, Calmon foi um dos intelectuais caricaturizados por Barreto em suas Ilhas de Java. Isto aconteceu na crônica *O ideal do Bel-Ami*:

Calmon, que nunca tinha sido notado nos primeiros anos, de repente, graças à *claque*, passou a ser tido como gênio, o que não era difícil de admitir nele, em virtude de um fraque rabudo e duns precoces cabelos brancos.

De resto, diziam todos os seus *claqueurs*, que ele possuía as virtudes de José, mas que não tinha encontrado a mulher de Putifar...

Formou-se e foi para a Bahia. Lá o fizeram lente, geômetra, geólogo, epigrafista, numismata, parteiro, aviador, escafandro; e depois o mandaram a Java, estudar o café. (FM, 179)

Enfim, percebo na obra de Lima Barreto o sujeito apequenado pelas engrenagens sociais; às vezes, personagem, outras, muito mais, esse sujeito surge também alegoricamente, pinçado em um tipo ou mesmo configurado em uma representação coletiva (um homem, um Brasil, uma cidade, um país, um reino, um lugar tão longe e tão perto), refletindo e pensando por trás do autor, que sempre vai expressar a sua interpretação sobre o mundo como um homem, estigmatizado socialmente, politicamente e culturalmente, insatisfeito sob as convenções herdeiras do eurocentrismo. Esta força de sua escritura atravessa tempos e espaços e reconfigura a noção de universalidade: não mais como essência imanente e sim como valor crítico móbil e redimensionável. Para a minha felicidade como leitor, este conceito de universalidade é muito agradável.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro, W. W. Jackson, 1957 (Obra Completa, v. 9).

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2 ed., São Paulo, Brasiliense, 1961 (Obra Completa, v. I).

_____. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. 2 ed., São Paulo, Brasiliense, 1961 (Obra Completa, v. IV).

_____. *Histórias e sonhos*. 2 ed., São Paulo, Brasiliense, 1961 (Obra Completa, v. Vi).

_____. *Bagatelas*. São Paulo, Brasiliense, 1956 (Obra Completa, v. IX).

_____. *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense, 1956 (Obra Completa, v. X).

_____. *Diário Íntimo*. 2 ed., São Paulo, Brasiliense, 1961 (Obra Completa, v. XIV).

_____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 10 ed., São Paulo, Ática, 1997.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Vozes, 1991 (v. I).

FRADIQUE, Mendes. *História do Brasil pelo methodo confuso*. 4 ed., Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922.